

## RELATÓRIO SUCINTO DA REUNIÃO DE TRABALHO ENTRE A COMISSÃO EXECUTIVA DO ENCONTRO NACIONAL DE COMBATENTES E AS ASSOCIAÇÕES DE COMBATENTES E DE MILITARES

Este primeiro encontro entre a Comissão Executiva do Encontro Nacional de Combatentes e a quase totalidade das Associações de Combatentes e de Militares, teve lugar pelas 11:00 do dia 18 de Fevereiro de 2009, em instalações da Base do Lumiar, da Força Aérea. Já antes da reunião começar, era notória a boa disposição e o diálogo aberto entre todos aqueles que, com a finalidade de “acertarem agulhas” no que toca à dignificação e aos justos interesses de todos os que lutaram por Portugal, esqueceram por um dia a sua vida privada e, vindos de longe, se dispuseram a dialogar e a contribuir para a definição de um caminho comum que a todos irmane.

Para além dos elementos da Comissão Executiva, estiveram presentes:

- Assoc. Portuguesa de Ex-Combatentes Militares - Sr. Mário Alberto Feliciano Inácio
- Assoc. Social e Cultural dos Vilacondenses ex-Combatentes do Ultramar - Sr. Manuel do Nascimento da Costa Azevedo
- Assoc. Nacional de Prisioneiros de Guerra - Sr. Fausto Diabinho
- Assoc. de Combatentes do Ultramar Português - Sr. José Ferreira Nunes
- Assoc. Portuguesa de Veteranos de Guerra - Dr. Augusto de Jesus Oliveira Lopes de Freitas
- Assoc. de Fuzileiros - Cmdt. Frederico Piteira e SMor. António Varandas
- Assoc. de ex-Combatentes Beirões - Sr. Artur Vicente
- Assoc. de Deficientes das Forças Armadas - Sr. António Miranda e Cor. Lopes Dias
- Assoc. Nacional dos Combatentes do Ultramar - Dr. António Maria Dinis Ferraz (representava também a Federação Portuguesa das Associações de Combatentes)
- Assoc. dos GEs e GEPs - Sr. Luís Francisco Dias Fânzeres Martins
- AFAP - TCor. Júlio Falcato
- ASMIR - CAIm. Rodrigues Baptista
- AOFA - TCor. Ludovico Jara Franco e TCor. José Carlos Alvarez Tasso de Figueiredo
- Assoc. Nacional de Sargentos - SAj. António Lima Coelho
- Assoc. de Praças da Armada - Cabo Luís Reis
- Assoc. de Especialistas da FAP - Sr. Manuel Cascão
- UPP (em representação) - MGen. Paraq. Hugo Borges
- Assoc. de Comandos - Dr. José Ângelo Lobo do Amaral
- Assoc. de Lanceiros - Dr. Alfacinha de Brito (na impossibilidade de estar presente manifestou o seu apreço pelo convite)
- Assoc. dos ex-Combatentes do Concelho de Cuba - Sr. João F. Grego Vieira (na impossibilidade de estar presente manifestou o seu apreço pelo convite)

1. Às 11:05 coube ao TGen. Alípio Tomé Pinto (na qualidade de Presidente da Comissão Executiva do Encontro Nacional de Combatentes), abrir a sessão manifestando a todos a sua alegria por estarem reunidos tantos combatentes, que hoje continuam a lutar pela honra dos mortos e pelos interesses dos vivos. A todos deu as boas-vindas e agradeceu a resposta positiva que o convite merecera.

Lembrou em seguida as dificuldades imensas que tiveram que ser ultrapassadas, primeiro para a construção do Monumento Nacional, depois para a colocação das lápides na parede exterior do Forte do Bom Sucesso e, finalmente, para “lançar” a cerimónia de homenagem aos nossos mortos no dia 10 de Junho, Dia de Portugal.

Afirmou que esse trabalho se ficou a dever a um grupo pequeno de portugueses, que mais tarde se viria a chamar Comissão Promotora do Encontro Nacional de Combatentes. Para o trabalho “operacional” a desenvolver anualmente, esta Comissão Promotora nomeia uma Comissão Executiva para o ano em causa e decide convidar um combatente para a sua presidência (estes presidentes têm sido sempre Oficiais Gerais). Os elementos desta Comissão, têm grande disponibilidade para contactar todas as (muitas) entidades necessárias e realizar acções diárias e tarefas de alguma dimensão.

No que toca aos objectivos da Cerimónia, enfatizou que estes se limitam a: comemorar o Dia de Portugal; e homenagear, com grande dignidade e singeleza, os nossos mortos.

Não tem como estratégia uma perspectiva passadista, de chorar sobre o passado; mas também pensar no Portugal do presente e do futuro e, ainda, em toda a sociedade, militar e civil. Durante esta Cerimónia, não é ocasião para reivindicar o que quer que seja; isso será feito noutros sítios e noutro tempo; a justiça assim o impõe e aí o trabalho das Associações é imprescindível.

É uma cerimónia para os portugueses de todas as raças, credos religiosos, idades e simpatias político-partidárias; é uma cerimónia organizada pela sociedade civil e independente do poder político.

Esta Comissão precisa em absoluto do apoio das Associações principalmente nas seguintes áreas: ideias que possam ser úteis no planeamento das acções, difusão da informação e do programa da Cerimónia junto dos seus associados e nas regiões geográficas em que se inserem; e, ainda, pressão junto dos Municípios e das Juntas de Freguesia para motivarem estas entidades, a facilitar a vinda a Lisboa de portugueses nisso interessados.

Informou da canonização de Dom Nuno Álvares Pereira, português e combatente, e da oportunidade que isso dará à Comissão para o enaltecimento e a todos os combatentes.

Terminou a sua fala, mostrando-se preocupado com a cobertura jornalística que possa vir a ser feita do evento. Lembrou mais uma vez que só as atitudes “escandalosas” têm cobertura fácil, mas a dignidade e a exigência da nossa cerimónia, não pode admitir nada de menos digno. Queremos ser notícia, mas só pela positiva; não nos vendemos por um prato de lentilhas.

2. Falou em seguida o Presidente da Comissão Executiva de 2008, Gen. Manuel José Taveira Martins, que se limitou a relembrar os objectivos e agradecer a colaboração que tivera durante esse ano.

3. Também como elemento da Comissão Promotora, o Cor. José Pedro Simões Caçorino Dias mostrou as suas preocupações com Portugal, pátria que ao longo dos séculos sempre precisou do esforço e do sangue dos seus combatentes para se manter viva. Depois deste elogio aos combatentes, afirmou que esta reunião estava cheia de virtualidades e que deveria ser reforçada; e apelou para que a Cerimónia seja por todos dignificada.

4. O Pres. da Assoc. de Comandos (Dr. Lobo do Amaral), expôs algumas preocupações e ideias a ter em conta pela Comissão: lembrou que os combatentes que foram fuzilados na Guiné, não têm os seus nomes inscritos nas lápides junto ao Monumento Nacional e que isso devia ser corrigido com urgência; acha que, durante a Cerimónia, só o Estandarte Nacional deve estar hasteado no Monumento; sugere que as escolas militares sejam todas convidadas para a cerimónia e para depositarem ramos de flores em homenagem aos mortos.

5. Falou então o Pres. da Assoc. Nacional dos Combatentes do Ultramar (também em nome da Federação Portuguesa das Associações de Combatentes), que afirmou que as Associações são um movimento imanente dos próprios combatentes. São a exteriorização legalizada de um sentimento que a todas une. Ficou triste o ano passado pela falta de diálogo e, por isso mesmo, está muito satisfeito pela realização deste encontro. Disse que o local junto ao Monumento, é um local sagrado e seria inadmissível aproveitá-lo para servir de palco a reivindicações, ou qualquer outra acção que não dignificasse o espírito e a dívida dos combatentes mortos. Deve-se reivindicar o justo, mas noutros locais. Lembrou ainda, que a Liga dos Combatentes é administradora do Monumento, mas que não é sua dona. Mais afirmou que aquele Monumento é dos mortos do Ultramar; há outros sítios e outros monumentos, para outros mortos. Finalizou, dizendo que o Congresso será a 10 e 11 de Junho, mas será um acontecimento sem ligação directa à Cerimónia; não se misturam as coisas.

6. Em representação da Assoc. Nacional de Sargentos, o SAj. Lima Coelho mostrou a sua grande satisfação por este encontro inédito e deixou claro que, naquela data e naquele sítio, vamos homenagear aqueles que caíram e mais nada. Disse ainda, que as Associações Socio-Profissionais só querem ajudar, só pretendem servir os seus camaradas. Ninguém deve esquecer também que, enquanto Portugal se afirmar no mundo, vamos continuar a ter novos mortos e feridos e novos “stressados”; por isso, a nossa acção deve ser baseada na união. Concorde que o Monumento só deve ter uma bandeira hasteada, a Nacional. Lembrou que as flores depositadas na base do Monumento, não devem ter logotipos de quaisquer empresas; o que já aconteceu no passado, para sua grande revolta.

7. A ADFA, através do Sr. António Miranda, manifestou toda a sua boa vontade para colaborar no que fôr preciso, para o engrandecimento da Cerimónia no dia 10 de Junho. Pôs ênfase na união de todos os que querem dignificar e fazer justiça aos combatentes, mortos e vivos. É necessário ultrapassar todas as diferenças e fazer daquele dia um espaço de consenso nacional. Alertou para possíveis problemas poderem surgir este ano, no caso de as cerimónias oficiais serem em Lisboa. É preciso saber conjugar as coisas.

8. O TCor. Jara Franco, em representação da AOFA, agradeceu a ideia e a oportunidade da realização deste encontro e manifestou a maior satisfação por ver que a resposta “à chamada” foi muito elevada. É essencial que cada vez haja mais ligação entre os combatentes e que estes trabalhos sejam fortemente participados. É fulcral que haja unidade na acção e é para aí que estamos a caminhar; os combatentes devem actuar como uma peça única. Esta cerimónia no dia 10 de Junho é muito importante, pois serve para tratarmos da alma. Noutros sítios e oportunidades trataremos do “corpo”. Deixou também uma sugestão: porque não considerar a hipótese de dois oradores, um que fale de valores e de Pátria, um segundo que, tendo sido combatente há poucos anos, fale mais directamente da sua experiência. Seria como que aproveitar a ocasião, para fazer a ponte entre os antigos e os novos combatentes, para que amanhã não olhemos para este Monumento como hoje olhamos para outros que representam guerras do passado.

O TGen. Tomé Pinto retorquiu, que este ano não haverá tempo para pôr em prática esta ideia; mas que poderá ser considerada no futuro.

9. O Dr. Augusto de Freitas, em nome da Assoc. Portuguesa de Veteranos de Guerra, disse do seu prazer em ouvir o TGen. Tomé Pinto, por o seu discurso manifestar organização e trabalho. A Associação que representa quer, acima de tudo, dignificar os militares do passado, do presente e do futuro. Durante as consultas na sua clínica, pode apreciar quanto sofrem e quanto podem ser ajudados os combatentes que ainda hoje sentem os efeitos do que passaram. E deixou para reflexão, que o mais importante é ajudar o ser humano a ser feliz.

10. Foi, em seguida, a vez do Sr. José Nunes, dando voz à Assoc. de Combatentes do Ultramar Português. Manifestou a sua alegria pela reunião de trabalho. Não concorda que já esteja decidido o programa da Cerimónia e feita a escolha do orador; pensa que as Associações deviam ter sido ouvidas. Considerou o discurso do ano passado uma vergonha, a não repetir. É preciso dizer a verdade e misturar o sangue dos nossos camaradas, com o sangue do aborto, foi algo que nunca esperou ouvir. É preciso mais cuidado; ali não deve haver discursos políticos, mas só sobre o Ultramar Português.

11. O Sr. Mário Inácio, da Assoc. Portuguesa dos Ex-Combatentes Militares, agradeceu o convite e apelou à união de esforços. Também ele se mostrou chocado, por os camaradas fuzilados na Guiné não terem os seus nomes gravados nas lápides do Monumento; é uma injustiça e uma indignidade. Pensa que a Federação Portuguesa das Associações de Combatentes, devia integrar os trabalhos de planeamento e execução da Cerimónia do 10 de Junho. Também ele reitera a ideia, de que só a bandeira Nacional deve ser hasteada no Monumento durante a Cerimónia. O Gen. Taveira Martins lembrou que no Forte do Bom Sucesso estão outras bandeiras hasteadas, mas aí é a Liga dos Combatentes que manda, por ser administradora daquele Forte.

12. Tendo ouvido várias opiniões concordantes, o Pres. da Assoc. de Comandos sintetizou, dizendo que havia um total consenso quanto à área do Monumento: aquele espaço é Chão Sagrado, é um Panteão Nacional e, obrigatoriamente, assim deve ser tratado.

13. Perante esta afirmação, o Pres. da Federação pediu ao representante da Liga dos Combatentes (Com. Pereira Macedo), que sejam tomadas medidas para que, sem quaisquer reservas, os combatentes sejam ouvidos.

14. Foi a vez do representante da Assoc. de Fuzileiros se mostrar entusiasmado, não só pelo convite e reunião de trabalho, mas também pela procura de equilíbrio e bom-senso tidos por todos os intervenientes.

15. Finalmente, e uma vez que o tempo urgia, o TGen. Tomé Pinto tomou a palavra, para fazer uma apreciação global que possa servir de reflexão para o futuro:

- Esta será a 16ª reunião, depois do alheamento do Poder Político e Instituições (inclusive a militar) sobre a situação dos combatentes versus Dia de Portugal.
- "Alguém" do Poder vem tentando proibir esta Cerimónia. Honra para aqueles que desencadearam este movimento cívico por Portugal e pelos combatentes...
- Há que continuar, lembrando que não somos deserdados da História e o 10 de Junho será sempre o dia de todos os portugueses. Pela História e em nome deles, os combatentes verteram o seu sangue...
- Homenagem, para aqueles que foram os últimos soldados do Império e em especial aos "nossos" Torre e Espada ainda vivos...
- Orgulho, porque foi graças a eles que hoje se fala português em África e na Oceânia; e foi graças a eles que houve um 25 de Abril, um 25 de Novembro e se restaurou a Democracia...
- Lembrar que Povos sem História são Povos sem Futuro...
- É tempo de juntar aos mais velhos os novos combatentes...
- Votos para que a cerimónia decorra com dignidade e intensidade. Para isso, a todos pediu apoio. Unir todos os combatentes e dar a todos maior dignidade e prestígio social, será a direcção em que todos nos moveremos. Congratulou-se pela forma elevada e frontal com que as ideias foram expostas e agradeceu o interesse e disponibilidade dos participantes.

Sendo 13:30, o encontro prosseguiu com uma manifestação social, que em Portugal é sempre muito importante para cimentar laços de comunicação e amizade. Na Messe da Base do Lumiar, foi servida a todos os participantes uma 2ª refeição "boa, abundante e bem confeccionada", que serviu para troca de conversas informais e boa-disposição. Valeu a pena este primeiro encontro e a opinião unânime, foi de que pode ter sido o princípio de qualquer coisa de muito importante. As "tropas destroçaram" em boa ordem, pelas 15:30.

O Secretário,  
Luís Morais Pequeno  
Ten. Cor.

O Presidente da Comissão,  
Alípio Tomé Pinto  
Ten. Gen.